

A romantic scene of a couple embracing on a wooden dock by a lake at sunset. The man is on the left, wearing a plaid shirt and shorts, with his arms around the woman. The woman is on the right, wearing a light green t-shirt and denim shorts. They are both looking out over the water towards the setting sun. The sky is a clear, bright blue, and the water reflects the golden light of the sunset. In the background, there are rolling hills and some trees. The overall mood is peaceful and intimate.

GARY CHAPMAN

CATHERINE PALMER

BRISA  
*de*  
VERÃO

GARY CHAPMAN  
&  
CATHERINE PALMER

# BRISA DE VERÃO

Traduzido por MARIA EMÍLIA DE OLIVEIRA

**MC**  
mundo**cristão**  
São Paulo

# 1

**O estalido do rádio comunicador** montado na lancha avisou o patrulheiro Derek Finley que havia uma chamada da sede da Patrulha Aquática em Jefferson City.

— Embarcação em perigo — disse o controlador de tráfego marítimo. — Embarcação em perigo na marca de 20 milhas em frente ao Condomínio Green Oaks. Dan Becker está relatando o incidente. Repito, Dan Becker. Ele diz que está bloqueando o caminho de outros barcos e acredita que esteja criando uma possível situação de risco à navegação.

— Positivo, Jeff City. — Derek começou a manobrar sua lancha de cerca de 9 metros que a Patrulha lhe designara. Com seus dois motores externos, cada um com 250 CV, o barco alcançava a velocidade de 105 km por hora. Derek, porém, não forçaria a embarcação a navegar naquela velocidade para atender a um chamado de rotina.

— OK, Jeff — ele respondeu ao controlador. — Estou a caminho, partindo da marca de 25 milhas.

Enquanto acelerava, Derek esquadrinhou o horizonte à procura de outros barcos no caminho. Num dia como aquele, quente e bonito, o primeiro dia do feriado prolongado do Memorial Day,<sup>1</sup> o movimento de embarcações era intenso. Sem dúvida, haveria vários pilotos alcoolizados. Embora houvesse muitos lagos, rios e riachos no estado de Missouri, o lago de Ozarks registrava o maior número de detenções por conduzir embarcação em estado de

embriaguez. Por trabalhar no turno da noite, que começava às 15 horas e só terminava às 3 horas da madrugada seguinte, Derek já havia parado um barco depois de avistar uma mulher que decidira tomar banho de sol na borda da proa sem grade de proteção. Depois, ele recebeu um chamado a respeito de alguém que pilotava um *jet ski* muito próximo de um ancoradouro particular. Muitos pilotos de *jet ski* não tinham ideia de que deveriam obedecer às mesmas leis impostas às embarcações maiores.

**Enquanto a lancha cortava** as águas brilhantes do lago, Derek pensava, como de hábito, na satisfação que esse emprego lhe proporcionava. Apesar de ter-se graduado em administração de empresas e trabalhado atrás de uma escrivadinha por quase um ano, ele se demitiu do emprego no momento em que soube que o governo recrutava funcionários. Logo depois, passou nos testes de conhecimento e aptidão física. Seu trabalho na Patrulha Aquática proporcionava a mistura perfeita de entusiasmo, amor pela natureza, serviço público e — durante as raras investigações criminais — desafio intelectual.

Ao aproximar-se da marca de 20 milhas, Derek avistou o barco parado na água, um Challenger de 7 metros, balançando de um lado para o outro no meio do canal e cercado por outras embarcações. Dois casais de meia-idade, queimados de sol e sem chapéu, começaram a acenar assim que o viram.

— Jeff, cheguei ao local da embarcação — Derek avisou ao controlador. Reduziu a velocidade e aproximou-se do barco parado. — Ei, pessoal, o que está havendo? Há algum Dan Becker a bordo?

— Sou eu — um dos homens respondeu. — O barco é meu. Fui eu que chamei.

— Vejo que o barco enguiçou.

— Parece que sim. Pescamos a manhã inteira. Quando estávamos voltando para casa e já bem perto de nosso ancoradouro, o motor parou de repente.

— Já tentamos tudo — o outro homem disse. — Não conseguimos dar a partida.

— O barco tem combustível?

— O tanque estava cheio quando saímos. — Dan Becker coçou a parte calva e rosada de sua cabeça. — Não posso acreditar que o barco tenha consumido todo aquele combustível. Deixe-me ver. — Em seguida, disse em tom de lamento: — Vazio. Ah, rapaz! Não imaginei que fosse isso.

Derek sorriu. Embora esse tipo de problema fosse rotineiro e consumisse a maior parte de seu tempo, Derek gostava de ajudar as pessoas em quaisquer circunstâncias, fosse evitando que uma pessoa embriagada causasse danos a si mesma ou aos outros, fosse guiando alguém perdido no lago ou ajudando um casal de pescadores num barco enguiçado. No fim do dia, ele experimentava a sensação de dever cumprido.

— Acontece o tempo todo — ele disse a Dan. — Posso rebocar seu barco e levá-lo até seu ancoradouro. Se preferir, há um posto de combustível a uns 800 metros daqui. Chama-se Marina Sereia. O senhor poderá abastecer lá.

Abanando-se, as mulheres suplicaram que fossem levadas ao ancoradouro perto do condomínio. Mas a vontade de Dan e seu companheiro prevaleceu.

— Vamos abastecer. Já que chegou até aqui, patrulheiro, talvez o senhor possa nos ajudar.

Esperando aquela reação, Derek já estava pegando a corda de reboque.

— Vou jogar a corda em sua direção. Enganche-a na alça da proa.

Enquanto os dois homens se esforçavam para prender a corda ao barco, Derek foi verificar se ela estava presa corretamente em

sua lancha. Depois que finalizaram a operação, Derek dirigiu-se para a cabine do piloto e assumiu o leme. A lancha seguiu em frente, com a corda bem amarrada, rebocando o Challenger, que começou a flutuar com segurança.

“Falta de combustível”, Derek pensou, sorrindo e sacudindo a cabeça. Quantas vezes ele já ouvira aquilo? A lancha e os outros dezenove barcos da Patrulha Aquática que circulavam constantemente pelo lago de Ozarks transportavam patrulheiros para atender a denúncias e chamados de emergência. O sucesso dependia de autoridade, senso de humor, coragem e habilidade. Em geral, os chamados eram corriqueiros, mas ele precisava estar sempre alerta, caso surgisse um problema sério.

Derek relembrou a lista dos motivos que as pessoas apresentavam quando o barco delas morria de repente no meio da água. “Patrulheiro, o motor enguiçou.” “Não consigo dar partida no meu barco.” “O motor de popa não quer pegar.” “O motor parou quando estávamos puxando um esquiador.” Mas o mais comum de todos era: “Estamos sem combustível”.

Enquanto rebocava o Challenger em direção à Marina Sereia, Derek reparou nas frentistas do posto, que incentivavam os turistas a visitar o restaurante com vista para o lago, um pouco acima do embarcadouro. Num lembrete amistoso aos barqueiros que pudessem ter abusado da bebida, Derek bateu de leve com as pontas dos dedos no boné, alertando-os de que ele estava patrulhando a área.

Em seguida, virou-se para Dan Becker e seu grupo.

— Chegamos, são e salvos — ele disse enquanto os homens desprendiam a corda para devolvê-la. — Tenham um ótimo dia.

— Diga lá, patrulheiro — Dan gritou — quanto lhe devemos pelo serviço prestado?

— Faz parte do trabalho.

Derek acenou para o grupo, afastou-se com o barco e relatou ao controlador:

— Jeff, missão cumprida — e passou ao controlador as coordenadas de onde estava.

Com a tarefa concluída, ele voltou ao plantão. Enquanto Derek manobrava o barco, um colega patrulheiro comunicou-se com ele por rádio, e ambos combinaram de se encontrar na marca de 15 milhas. Com os turnos sobrepostos, os homens costumavam reunir-se no lago para discutir investigações em andamento e ocorrências recentes. Nos últimos dez anos, Derek imaginava já ter visto de tudo. Mas um recente afogamento, ocorrido de forma inusitada, deixara Derek e outros patrulheiros perplexos. Cinco dias antes, Derek havia encontrado um corpo boiando, totalmente enrolado em linha de pesca, perto de Deepwater Cove. Até aquele momento não havia nenhuma pista sobre a identidade da vítima. E ninguém havia comunicado o desaparecimento de uma pessoa.

Inspecionando os barcos com os quais cruzava no lago, Derek sabia que aquela ocorrência não resolvida iria atormentá-lo. No entanto, sem mais informações, não havia nada que ele pudesse fazer.

**Com os cabelos escuros voando** ao vento, a menina de 10 anos apertou com força o freio de sua bicicleta. Menina e bicicleta pararam subitamente na rampa da garagem da casa cinza de madeira, com cortinas nas janelas e petúnias rosa-choque. Assim que ouviu o ruído da roda da bicicleta bater no poste da caixa de correio, a mãe da menina suspirou fundo.

— Lydia, onde está seu capacete? — Kim gritou da varanda da casa, que dava para o lago. — Eu já disse que você não deve andar de bicicleta sem o capacete. Vá para seu quarto e coloque-o já!

— Não vou mais pedalar hoje — Lydia avisou, largando a bicicleta na entrada da garagem e correndo em direção à casa. Ela usava um *top* de alcinhas, *shorts* e sandália de dedo. — Liguei pro papai enquanto você e Luke estavam no médico. Ele quer falar com você.

Um arrepio de medo apertou o estômago de Kim.

— Lydia, você não pode conversar com seu pai sem que eu esteja presente. É ordem do juiz.

— Ordem do juiz, ordem do juiz! Não aguento mais essa história de ordem do juiz. E daí, o que é que tem?

Lydia tentou passar pela mãe, mas Kim esticou o braço para bloquear-lhe o caminho.

— O que você quer? — a menina berrou. — Quero passar! Preciso ligar para Tiffany.

— Sente-se aqui na varanda comigo por alguns instantes — Kim ordenou. Ao ver a filha virando o nariz, ela acrescentou com mais suavidade: — Por favor.

— Mãe, eu preciso saber que roupa Tiffany vai usar amanhã para ir à igreja. — Lydia, a menina de pernas fininhas e bronzeadas e braços magros, afundou-se no sofá de vime. — A mãe de Tiffany vai deixar que ela vá de *shorts* à igreja porque o Memorial Day foi comemorado na semana passada, e todo mundo sabe que o verão começa no Memorial Day.

— Você não vai à igreja de *shorts* — Kim declarou. Tiffany, dois anos mais velha que Lydia e um ano a sua frente no colégio, era pouco supervisionada pelos pais. Por ser a melhor amiga de Lydia, ela quase sempre acompanhava a família Finley à igreja e a outros passeios, mas sempre sem a companhia da mãe. Na verdade, Kim não conhecia a mulher, que aparentemente permitia que a filha fizesse tudo o que queria a qualquer hora do dia ou da noite.

Kim sacudiu a cabeça.

— Não acho certo usar *shorts* na igreja, e...

— Seria certo, sim, se todos usassem! — Lydia fuzilou a mãe com o olhar. — Você não entende nada.

Suspirando fundo, Kim sentou-se ao lado da filha. Enquanto analisava o rosto de Lydia, ela tentou orar para que sua ira se

dissipasse e concentrou-se na mocinha encantadora que emergia da infância diante de seus olhos.

— Lydia — ela começou a dizer, sufocando o desejo de repreendê-la — você sabe que todas as regras foram feitas para sua segurança. O capacete serve para proteger sua cabeça, e a ordem do juiz serve para controlar o contato de seu pai com você. Ele está quebrando nosso acordo e acho que vou ligar para meu advogado para falar sobre isso. Não quero de jeito nenhum que *you* ligue para *ele*.

— Quanto tempo esse sermão vai demorar? — Lydia interrompeu a mãe. — Tiffany pediu que eu ligasse para ela assim que ela voltasse do *shopping*.

— Essa sua interrupção é grosseira e inaceitável — Kim replicou. — Se voltar a andar de bicicleta sem o capacete, vou deixá-la de castigo. E nem pense em usar *shorts* na igreja. Os que você tem são curtos demais. Você não tem se olhado no espelho nos últimos dias? Já é quase uma adolescente, Lydia. Precisa começar a se comportar de maneira mais adulta, e isso inclui saber se vestir adequadamente. E se eu souber que você voltou a ligar para seu pai, mocinha, vai sofrer sérias consequências. Agora tire imediatamente aquela bicicleta do caminho antes que Derek chegue e passe por cima dela.

— Não dá para relaxar um pouco? — Lydia perguntou, com leve tom de sarcasmo na voz. Ela levantou-se do sofá e começou a atravessar a varanda, em direção à bicicleta. — Você é muito chata. Grita com todo mundo e faz sermão o tempo todo. A gente gostava quando você estava em casa, mas agora não vejo a hora de você voltar para o trabalho. O Luke e eu vivemos infelizes nesta casa por sua culpa. Nem sei por que Derek se dá ao trabalho de voltar para casa. Você vive enchendo a cabeça dele.

— Você está exagerando, Lydia. Eu não grito com você nem com o Luke, e nunca... — A voz de Kim vacilou quando a garota,

insolente, subiu na bicicleta, sentou-se no selim e pedalou, afastando-se dali. Assim que os cabelos castanhos e brilhantes de Lydia desapareceram na curva, Kim controlou os impulsos e abafou um grito de raiva. Aquilo não deveria acontecer!

O centro das atenções da família deveria ser Luke, não Lydia. Luke era o gêmeo com diabetes. Para sobreviver, ele precisava de dieta especial, exercício físico e verificação constante do nível de glicose no sangue. Nas últimas semanas, Kim havia revisto tudo o que sabia a respeito de nutrição e saúde em geral. E teve de absorver uma quantidade enorme de novas informações. Objetos como seringas, medidores de glicose e lancetas passaram a fazer parte de seu dia a dia. Agora ela usava com facilidade novas palavras como *células beta*, *medidores de antígeno leucocitário humano*, *hipoglicemia*, *acetona urinária* e *triglicerídeos*. Desde os primeiros sintomas de Luke e o diagnóstico subsequente, Kim teve de acompanhar o filho dia e noite. Passava horas orando pela saúde dele, atenta ao menor sinal de problema, e telefonando ao endocrinologista para discutir cada aspecto da enfermidade.

Kim não queria enviar Luke ao acampamento esportivo e recreativo de que os gêmeos costumavam participar no verão, por isso pedira licença do trabalho de técnica em higiene bucal. O dr. Groene, o dentista para o qual ela trabalhava em Camdenton, foi compreensivo e bondoso, e contratou um profissional temporário para substituí-la durante aquele período. Mas Kim deixou de receber salário, e a família estava com problemas para equilibrar o orçamento.

Uma voz interrompeu seus pensamentos.

— Onde está Lydia? — Luke abriu a porta de tela com um empurrão e entrou na varanda. — Achei que ela estivesse aqui. Tiffany acaba de ligar.

— Ela está andando de bicicleta — Kim disse ao filho. Em seguida, sinalizou para que ele se sentasse ao lado dela no sofá de

vime. — Como você está, querido? O tremor e a náusea desta manhã ainda não passaram?

— Eu estou bem, mãe. — Luke afundou-se no assento em que a irmã estivera momentos antes. — Queria andar de bicicleta.

— E por que você não vai? Está com tontura ou coisa parecida? Dor de cabeça? — Ela esticou o braço. — Deixe-me ver se está transpirando em excesso.

— Para, mãe. Estou bem. — Luke encostou os joelhos no queixo e passou os braços ao redor deles. — Você me trata como se eu fosse um bebê! Já verifiquei meu sangue. Não há nada de errado comigo. Deixe-me em paz.

— Então, pegue seu capacete e vá encontrar sua irmã. Tenho certeza de que ela vai adorar a companhia.

— Não. — Olhando firme por sobre os joelhos, ele amarrou a cara. — Não estou com vontade de fazer nada. E nunca mais vou usar aquela droga de capacete.

Kim suspirou fundo. Por ter crescido num lar onde a briga constante dos pais os levava ao divórcio, ela aprendeu a lidar com o inesperado. Sua mãe alcoólatra precisava mudar de uma cidade para outra com os filhos porque a bebida sempre a fazia perder o emprego. Kim decidira nunca repetir os erros dos pais. Após ter-se formado no ensino médio, mais de dez anos atrás, ela passou a trabalhar para o dr. Groene como recepcionista e mudou-se para um apartamento pequeno. Logo depois, o vizinho ao lado encantou-a com seu charme, e ela casou-se, feliz, com o belo mecânico de motores de barco.

Não demorou muito para Kim perceber que havia feito exatamente o que queria evitar. De vez em quando, sem nenhum motivo aparente, Joe tornava-se grosseiro e mesquinho. Logo depois do terceiro mês da gestação dos gêmeos, ele a agrediu pela primeira vez. Depois disso, a vida de Kim tornou-se um pesadelo.

Ao mesmo tempo que morria de medo de abandonar o marido, mas também de permanecer ao lado dele, ela se comportava de maneira muito cautelosa e orava para que pudesse dar à luz com segurança. Logo depois que os gêmeos nasceram, Kim começou a frequentar a capela na região dos lagos onde ministravam estudos bíblicos. Na Capela do Cordeiro, como era conhecida, ela encontrou a força e a coragem que nunca tivera na vida. Com a ajuda e o apoio de várias mulheres da igreja, principalmente de Patsy Pringle, ela conseguiu fugir do marido e buscar abrigo num centro para mulheres vítimas de violência. Depois de divorciar-se de Joe e conseguir a guarda dos gêmeos, ela acomodou-se a uma vida que esperava ser normal.

Foi então que conheceu Derek Finley. E agora, enquanto pensava no homem maravilhoso que entrara em sua vida e conquistara seu coração três anos antes, Kim avistou o caminhão dele rodando na estrada à beira do lago em direção a sua casa, em Deepwater Cove, mais cedo do que o esperado.

— Ei, Derek está chegando! — Luke gritou. — Espero que ele tenha trazido algumas cerejas cristalizadas.

— Você não pode... — Kim engoliu o resto das palavras. Se Luke quisesse comer uma guloseima de vez em quando, teria de medir a taxa de açúcar no sangue e manter tudo equilibrado. Ele já aprendera a fazer isso. Ela precisava começar a confiar nele. Mas um menino de 10 anos? Era muito difícil não se preocupar.

— Veja, ele está trazendo a bicicleta de Lydia na carroceria! — Luke saltou do sofá, atravessou correndo a varanda e desceu a escada. — Aposto que ela caiu da bicicleta! Aposto que não estava usando o capacete!

— Ah, não! — Kim correu em direção ao caminhão que se aproximava. — Derek! Lydia está bem?

— Claro que estou. — Lydia abriu a porta do lado do passageiro e atravessou a rampa da garagem. — Derek me viu andando

de bicicleta perto da estrada de Tranquility e me deu uma carona. Ei, Luke, quer salgadinho de queijo?

Antes que Kim pudesse reagir, Luke enfiou a mão na embalagem. Ela ia dizer que o jantar estava quase pronto e que aquilo não era bom para o nível de glicose de Luke, quando Derek a segurou nos braços e lhe deu um beijo na boca. Ela resistiu por um momento — medo, preocupações e frustração ainda lhe povoavam a mente —, mas então sentiu o cheiro da pele dele aquecida pelo sol. Entregando-se ao marido, ela passou os braços ao redor do pescoço dele e acariciou o cabelo macio que lhe cobria a nuca.

— Surpresa — ele disse, beijando-a no rosto e no pescoço. — Espero que o jantar seja suficiente para mais um. O capitão viu que eu estava com a vista turva e ordenou que eu ficasse algumas horas em casa para me alimentar e pôr os pés para cima.

— Vista turva? — Kim murmurou. — Não você. E com certeza não na enseada da Festa.

Ele riu e deu-lhe um tapinha de brincadeira enquanto a acompanhava até a varanda. Ambos sabiam que, em dez anos como patrulheiro, Derek estava cansado de ver mocinhas esbeltas de biquínis minúsculos que pulavam de um barco a outro na famosa enseada.

Cheia de orgulho, Kim abriu a porta da frente da casa de onde veio o aroma de molho de macarrão caseiro e torradas de alho. Por ser sábado, ela conseguira iniciar a manhã lavando as roupas acumuladas durante a semana e limpar o banheiro principal.

Em meio às tensões que convergiam como uma série de tempestades capazes de produzir tornados, Kim sempre tentava manter a casa limpa e em ordem. Sabia que às vezes se sentia desanimada ou irritada, mas esperava que o marido e os filhos entendessem que ela fazia tudo para eles com muito carinho.

— O médico disse que Luke já aprendeu a medir o nível de glicose — ela contou a Derek quando entraram na cozinha. Naquela

manhã, Kim servira o almoço mais cedo aos gêmeos para poder levar Luke ao consultório do pediatra. Depois, ela teve tempo de terminar de lavar as roupas e passar o aspirador de pó na sala de estar.

— Eu sabia que o garoto ia aprender a fazer isso — Derek disse. — Esse menino é muito determinado. E como foi o dia de Lydia?

— O de sempre — Kim levantou a tampa da panela com o molho e deu uma mexida. — Ela quer usar *shorts* para ir à igreja amanhã.

— Por que não? Ela é uma garota muito bonita, igual à mãe. Vocês ficam lindas de *shorts*. Além disso, é verão.

— Não se atreva a ficar do lado dela, Derek — Kim avisou. — Ela está extrapolando todos os limites que impusemos. Ligou para Joe esta tarde quando não estávamos em casa. Não quer usar o capacete para andar de bicicleta. E agora está determinada a ir à igreja de *shorts* só porque a mãe da Tiffany permite que a filha use.

— Deus tem alguma coisa contra *shorts*?

Kim mordeu os lábios para não dizer nada de que pudesse se arrepender. A única coisa que a fazia duvidar do bom senso de ter-se casado com Derek Finley era o desinteresse dele pela igreja. Kim havia lido sobre a importância de um casal professar a mesma fé, mas só percebeu o valor disso depois que se casaram. Posteriormente, ela constatou que Derek gostava de dormir nas manhãs de domingo em que estava de folga no trabalho, e limitava-se a fazer comentários indiferentes quando Kim procurava lhe falar de religião. Ele nunca tentou conduzir a família em oração ou orientá-la segundo os preceitos divinos. Mesmo assim, provara ser perfeito em todos os outros aspectos.

— Ah, meu bem, este é o molho mais cheiroso do mundo — Derek disse, inclinando-se sobre a panela para sentir o aroma do molho. — Você é a rainha da culinária, e falo sério. Minha mãe sabia fazer um espaguete gostoso, mas você ganha dela de dez a zero.

Kim sorriu enquanto colocava mais um lugar à mesa. A mãe de Derek era exatamente o oposto da sua. A mãe de Kim mal podia comprar as roupas de que precisava para candidatar-se a um emprego, ao passo que Derek havia sido criado num lar encantador em Clayton, perto de St. Louis. Antes de morrer num acidente de carro, o pai de Derek era um premiado fotógrafo autônomo que trabalhava para várias revistas sobre aventura e vida na selva. A mãe de Derek sempre se vestia com roupas finas e elegantes. Frequentava um clube de campo e fazia parte de várias organizações voluntárias. Ela nunca deixava de apontar as pequenas falhas da mulher que o filho escolhera para ser sua companheira.

— Consegui a receita do espaguete com aquele *chef* de quem lhe falei — Kim disse enquanto Derek lavava as mãos na pia da cozinha. Ela já havia lhe pedido centenas de vezes que lavasse as mãos no banheiro. Ele nunca notava a camada de sujeira que deixava na pia branca de porcelana.

— Aquele sujeito para quem sua mãe trabalhou quando vocês moravam em Joplin? — ele perguntou, deixando a água pingar sobre o balcão da pia ao esticar a mão para pegar a toalha. — Ele ensinou muitas coisas a você. Devo muito àquele cara. Se viajarmos um dia para o Sul, vamos parar no restaurante para que eu possa apertar a mão dele e dizer-lhe muito obrigado por ter transformado minha mulher na melhor cozinheira do mundo.

— Você vai gostar dele. Chama-se Marcel, e nasceu na França. — Sabia fazer quase tudo, inclusive espaguete.

— Ele permitia que você andasse pela cozinha?

— Não no restaurante. Minha mãe foi demitida depois de algumas semanas que nos mudamos para Joplin. Mas ela e Marcel já se interessavam um pelo outro, por isso fomos morar com ele. Não me lembro por quanto tempo. Ele costumava cozinhar para nós depois do trabalho, e eu ficava observando.

Derek aproximou-se de Kim por trás e passou seus braços fortes ao redor da cintura da esposa enquanto ela provava a massa.

— Não entendo como uma mulher igual a você pode ter surgido de um passado como esse — ele disse em voz baixa. — Mas estou muito feliz por tê-la encontrado.

Kim virou a cabeça e beijou-o no rosto.

— Deus nos aproximou um do outro. E não tenho ideia de como ele se sente quanto ao uso de *shorts* na igreja.

— Não seja muito rígida com Lydia, Kim. Aposto que, se Luke voltar a agir como era antes da doença, Lydia seguirá seu exemplo.

Kim desvencilhou-se do abraço do marido e pegou as tigelas para o molho e a massa. Em geral, respeitava a maneira como Derek lidava com as crianças, mas, em momentos de discórdia, era assim que ela agia para lembrá-lo que os filhos eram *dela*, e que ele não deveria intrometer-se. Dessa vez, como sempre, ele estava certo.

— Acho que estou sendo dura demais com os dois — Kim admitiu. — Conversei com Patsy na semana passada, e ela acha que a rebeldia de Lydia é a maneira que ela encontrou para reagir a todas as mudanças que tivemos de fazer por causa de Luke. Faz sentido. Reconheço que estou protegendo Luke em demasia e fazendo os dois sentirem tanto medo quanto eu.

— Apesar de tudo, Lydia está indo muito bem. — Derek sentou-se à mesa, enquanto Kim chamava os gêmeos para jantar. — A questão dos *shorts*, do capacete, até mesmo de ligar para Joe... Nada disso é tão mau assim. Não se parece em nada com o que vejo acontecer com garotas um pouco mais velhas que Lydia. Ela é uma ótima menina.

— Você está dizendo que ligar para Joe não é um problema grave? Você sabe que tipo de homem ele é. Não acredito que concorde com o comportamento de Lydia hoje.

— Calma, querida. Joe só faz contato com as crianças porque isso a deixa furiosa. Ele não pode aproximar-se delas. Não fique tão preocupada.

— Você ficaria preocupado se realmente entendesse pelo que aquele homem nos fez passar. Talvez esteja acostumado a lidar com bêbados descontrolados, mas eu não! As crianças e eu fomos vítimas por muito tempo, e fico apavorada só em pensar em Joe tendo contato com eles.

— Você é uma mulher forte, Kim.

— Pode ser, mas Joe é mais forte que eu. — Decepcionada, ela balançou a cabeça. — Você sabe como ele é, Derek, mas nunca quer discutir o assunto comigo. E também não faz nada quanto a isso. Passa o tempo todo dizendo que tudo vai ficar bem. Às vezes me pergunto se você ao menos ouve o que eu digo. Onde está seu interesse por mim? Onde está a proteção que deve oferecer às crianças? Joe está rondando por aí, e eu morro de medo dele.

— Ele não pode machucar nenhum de vocês, Kim. A lei os protege, eu os protejo, e você sabe se defender. É preciso aprender a confiar em si mesma, e nos dois.

— Eles ainda são crianças, Derek. Têm apenas 10 anos. — Kim olhou firme para ele e pegou a cadeira do outro lado da mesa. — As coisas mudaram. Entendo que os gêmeos estão com quase 11 anos, e já os deixei sozinhos no passado. Permitted que fossem a acampamentos e clubes no verão e que ficassem sozinhos em casa durante as horas vagas. Mas com Joe criando encrencas por aí e com os problemas de Luke, não posso mais fazer isso.

— Ouça, tive uma ideia...

— Ei, Derek, você encontrou o corpo da pessoa que se afogou um dia desses? — Luke entrou na cozinha seguido pela irmã. — Algum bêbado caiu do barco novamente? Ou foi assassinato? Seria o máximo!

— Ele não vai dizer nada sobre o assunto — Lydia repreendeu o irmão. — Eu já fiz a mesma pergunta.

— Sua irmã está certa. Não posso falar sobre uma investigação em andamento — Derek disse a Luke, mexendo no cabelo dele. — Você sabe disso, rapazinho. E quem vai querer ouvir esse tipo de coisa à mesa? Veja que jantar maravilhoso sua mãe preparou.

— Odeio espaguete — Lydia declarou. — Não vou comer. Ela deixa pedaços de tomate por cima para que a gente possa vê-los. É intragável.

— Lydia... — Kim começou a dizer.

— Vamos orar? — Luke interrompeu. — Estou com tanta fome que acho que vou pôr tudo pra fora.

— Fome e náusea. O açúcar no sangue está alterado! — Kim ia se levantar da mesa, mas Derek segurou-lhe o braço.

Luke franziu a testa.

— Mãe, ponha comida no meu prato, tá? Vou ficar bem num minuto.

— Ponha comida no prato dele — Lydia insistiu, empalidecendo. — Dá comida pra ele, mãe! — De repente, irrompendo em lágrimas, ela pegou o prato do irmão e serviu o molho com uma concha. — Come, Lukey — ela disse, tentando enfiar uma colherada de molho na boca do irmão. — Come! Come logo.

— Para com isso, sua idiota! — Luke derrubou a colher da mão da irmã, espirrando molho vermelho no piso e na parede da cozinha. — Eu não vou morrer! Parem com essa mania! Detesto que vocês me tratem assim o tempo todo. Parece que estou morrendo, mas não estou!

— Calma. — Derek pousou a mão com firmeza no ombro de Luke. — Ninguém acha que você está morrendo. Você *não* está morrendo, garoto; está vivendo. Está se saindo muito bem em tudo, e sua mãe e eu estamos tão orgulhosos de você que parece

que vamos explodir. Agora vamos nos acalmar e comer um pouco. Kim, que tal eu orar?

Depois do casamento, era a primeira vez que Derek havia mencionado a palavra oração, e agora se oferecia para orar abençoando a comida. Kim estava tão estupefata que nem conseguiu falar.

Com uma das mãos no ombro de Luke e a outra no braço da esposa, Derek curvou a cabeça.

— Estamos todos um pouco desesperados — ele começou a dizer — e precisamos nos acalmar e entender que alguém maior que nós está no controle. Por favor, ajude Luke a sentir-se à vontade para lidar com seu diabetes, e ajude Lydia a aceitar a mudança em seu irmão sem se aborrecer demais. E esteja com Kim, que confia no Senhor para cuidar da família dela. Amém.

Todos ergueram a cabeça ao mesmo tempo. Kim sentiu uma gratidão imensa porque, pela primeira vez, o marido reconhecera a existência de um poder celestial. Derek não havia usado o nome de Deus nem mencionado Cristo, mas pelo menos havia orado. Era o começo — um magnífico começo.

Com um sorriso suavizando-lhe o coração, Kim ergueu a tigela de massa e passou-a ao marido.

— Obrigada, querido. Era exatamente disso que precisávamos.

Derek riu e encheu o prato de espaguete.

— E há mais uma coisa que vai nos ajudar a nos sentir melhor... Uma resposta imediata à minha oração. Eu pretendia dizer antes, mas fui interrompido. Kim, você vai poder voltar ao trabalho na segunda-feira, e os gêmeos ficarão protegidos e seguros aqui em casa — ele olhou para os rostos ao redor da mesa. — Minha mãe ligou esta tarde. Crianças, a vovó Finley está vindo de St. Louis para nos fazer uma bela e longa visita!

**A**s coisas em Deepwater Cove parecem estar mais complicadas do que nunca, especialmente para Kim e Derek. Kim é mãe de Luke e Lydia, frutos de seu primeiro casamento. Depois que Luke foi diagnosticado com diabetes, a irmã sente falta de atenção, agora depositada no irmão doente. Para complicar ainda mais a situação, a mãe superprotetora de Derek chega para morar com eles.

Com tudo que têm vivido, Kim e Derek começam a ver sua relação perder o brilho e tornar-se um gelado inverno, com a comunicação desgastada e quebrada. Em meio a tantos desafios, será possível salvar esse casamento e restaurar o que as difíceis circunstâncias têm tirado deles?

Enquanto isso, acompanhe as novidades na vida de Patsy Pringle, Pete Roberts, Steve e Brenda, Esther e Charlie, personagens que você conheceu em *Acontece a cada primavera*. Uma nova lanchonete será aberta bem ao lado do salão de beleza de Patsy, movimentando ainda mais a rotina de toda a vizinhança.

*Brisa de verão* é a continuação de *Acontece a cada primavera*, da série de ficções baseada no *best-seller* *As quatro estações do casamento*, de Gary Chapman.



**MC**  
mundocristão